

Resumo:

O presente trabalho surgiu de algumas inquietações. Diz-se que o analista trabalha em transferência. Mas afinal, o que é trabalhar em transferência? Que forma de trabalhar é esta? Somada a essas questões uma outra - o que fazer com a repetição do paciente na clínica? Tendo como objetivo realizar uma reflexão teórica sobre a relação entre transferência e repetição na clínica psicanalítica, adotamos como metodologia um trabalho de investigação e análise conceitual desses termos e das relações entre eles em alguns artigos freudianos. O tema da transferência, a partir do caso Dora, passou a ser considerado como conceito fundamental e condição de análise. Para que a análise se desenvolva é preciso que haja transferência. Segundo Laplanche (2001), a transferência é o processo pelo qual os desejos inconscientes se atualizam sobre determinados objetos no quadro de um certo tipo de relação estabelecida com eles, e eminentemente, no quadro da relação analítica. Podemos dizer então que a transferência em psicanálise é o deslocamento de afetos conscientes e inconscientes do paciente, originários das suas experiências de vida, para a figura do analista. No texto "A dinâmica da transferência" (1912) Freud mostra que todo ser humano, através de disposições inatas aliadas às experiências de vida, "inscreve" em seu psiquismo diferentes formas de condução para sua vida erótica. Disso resulta um modelo que no curso da vida é repetido e atualizado. Apesar da transferência se manifestar na análise como resistência, como amor de transferência, ainda assim, ela é o maior aliado do processo analítico, pois evidencia essa espécie de modelo impresso na psique reconstruindo, de um modo ou outro, sempre uma mesma situação, um clichê estereotipado. Em "Recordar, repetir e elaborar" (1914) Freud mostra como a repetição se faz presente na análise substituindo o recordar. E se nesse artigo, enuncia que o paciente também transfere para o presente com o analista e em todos os âmbitos de sua vida, situações que não podem ser lembradas porque nunca alcançaram a consciência, e não foram, portanto, esquecidas, com o texto "Além do princípio do prazer" (1920) a repetição ganha, em seu discurso, uma nova configuração, servindo de base conceitual a pulsão de morte. Analisando situações onde a repetição aparece de uma forma passiva e sem controle, Freud supõe uma forma de compulsão à repetição que sobrepuja o princípio do prazer. Defende agora que o aparelho psíquico tem mais uma função: dominar as intensidades que o atravessa. Nos relatos dos sonhos dos pacientes, nas neuroses de guerras onde o desprazer comparece de uma forma mais prevalente, Freud depara-se com o traumático na história dos sujeitos que ficou debilmente registrado e que por isso mesmo, não pode ser recordado, mas leva a uma incessante repetição, numa tentativa desesperada de livrar-se de algo que se impõe ao presente continuamente. Como então lidar com essa compulsão à repetição na análise? Para responder a esta questão, Freud apresenta a brincadeira infantil do Fort da. Encontra nesse jogo de arremessar e puxar um carretel de madeira repetidamente, a tentativa da criança de simbolizar uma experiência excessivamente desagradável. Ao sair da passividade que a situação lhe impõe, ao arremessar e puxar o carretel, a criança assume um papel ativo, podendo assim simbolizar a experiência dolorosa da ausência da mãe, instaura a possibilidade de uma repetição diferencial, uma outra posição no mundo para lidar com a frustração de uma forma criativa. Podemos concluir que a experiência de análise pode possibilitar sob transferência esta dimensão criativa a partir do movimento de repetição, tal qual a brincadeira infantil. Isto significa que, aquilo que ficou de fora, ou precariamente simbolizado, necessita inscrever-se no histórico de vida do sujeito e ganhar existência no relato vivencial, integrando-se na relação de fatos psíquicos que o constituem. □